

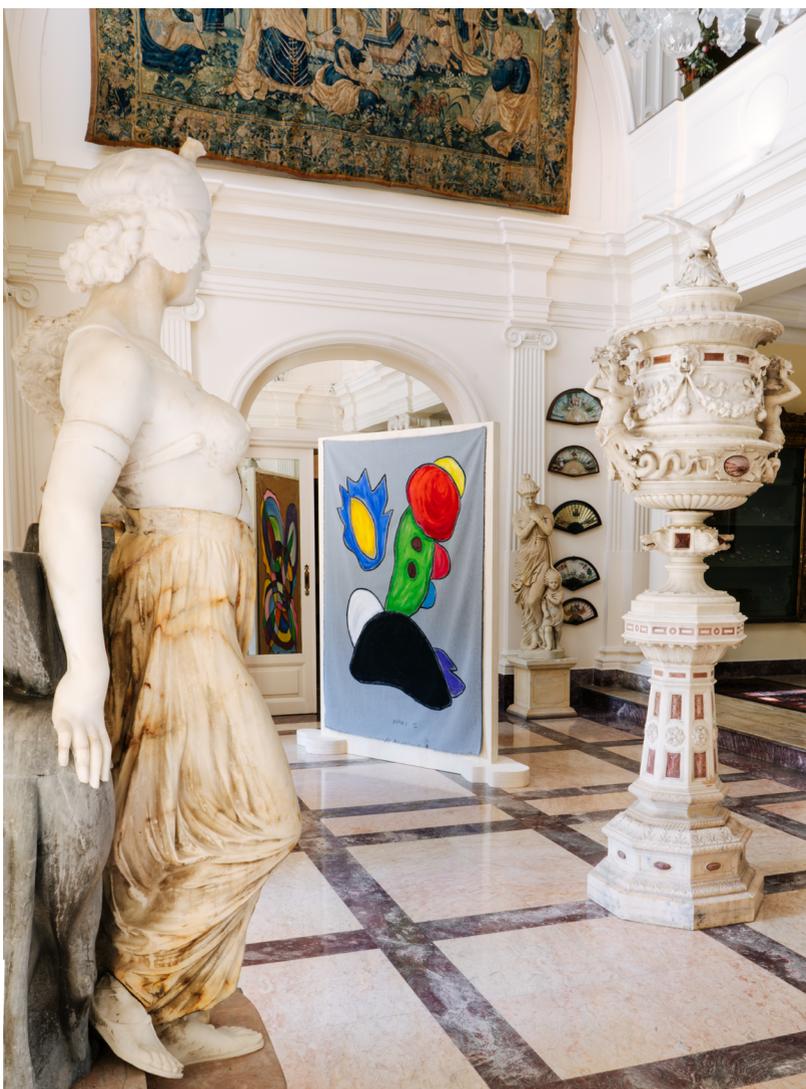
[ CAIXA DE  
PANDORA ]

**REBECCA SHARP E TADÁSKÍA**

**KURA/**

**CIJY**  
COLEÇÃO  
IVANI E JORGE YUNES

**sé**



## **Projeto Caixa de Pandora**

A Coleção Ivani e Jorge Yunes reúne obras e objetos de arte de tempos e espaços diversos, de dezenas de países ao Brasil, da antiguidade até meados do século passado. Mas, a não ser o modo de exibi-la, nada do presente. Pensando na ausência de arte contemporânea, a consultoria de arte KURA criou o projeto Caixa de Pandora.

O nome vem do mito grego. Pandora, a primeira mulher criada por Zeus, foi curiosa e imprudente ao abrir a caixa que continha todos os males do mundo, deixando-os escapar. O que pouca gente sabe foi que na caixa sobrou a esperança. Há algo de esperança numa obra de arte, assim como num objeto feito com apuro: ambos demonstram um desejo de avançar por novas regiões da expressão e do próprio ser.

Trazendo a arte contemporânea para dentro desse acervo, o projeto Caixa de Pandora atíça a curiosidade ao mesmo tempo em que faz com que vários períodos da história da arte e dos objetos coexistam com o presente, o perturbador mundo em que vivemos. Fazemos isso justamente apostando na arte como portadora da esperança.

*Camila Yunes Guarita*

### **Edições Anteriores**

**Barrão /**  
abril, 2018

**Ana Dias Batista /**  
setembro, 2018

**Vik Muniz /**  
abril, 2019

**Paulo Nimer Pjota /**  
agosto, 2019

**Regina Silveira /**  
novembro, 2020

**Marcela Cantuária /**  
outubro, 2021

Apoio:

**IGUATEMI**

 **BECK'S**



## SÉTIMA EDIÇÃO

---

**REBECCA SHARP E TADÁSKÍA:**  
*QUIMERA QUE PAIRA*

Curadoria e texto de Germano Dushá

Coleção Ivani e Jorge Yunes, São Paulo  
27 de agosto a 16 de dezembro de 2022



## QUIMERA QUE PAIRA

Cabeças de leão, de cabra e de serpente; asas de dragão ou de galinha; fogo pelas narinas e feitiços da língua!

A imagem de uma fera mitológica de natureza híbrida detentora de poderes mágicos, pairando sobre nós, imprime contornos ao assombro dos enigmas que correm entre este mundo e tudo mais que é intangível. A figura da Quimera, pintada e esculpida desde a Antiguidade de incontáveis maneiras, sobre a qual se narram infundáveis lendas e se tecem infinitas leituras, remixada à exaustão, provoca e propõe uma incógnita fatal, um golpe esfíngico com muitas bocas para devorar.

Sinônimo de invenção, absurdez, fantasia, fábula e devaneios da imaginação, a Quimera pode figurar como síntese para nossa aproximação dos projetos de Rebecca Sharp e Tadáskia concebidos especialmente para o contexto deste casarão – colossal e complexo – e da Coleção Ivani e Jorge Yunes, um acervo tão extenso quanto eclético. Por meio da absorção e da regurgitação das imagens e de determinadas problemáticas, as proposições de Rebecca e Tadáskia partem de diferentes disparadores imaginativos, a fim de lidar, de modo crítico, com as qualidades físicas e conceituais dos cômodos e de certas peças desse espaço. As artistas, cada uma à sua maneira, ativam enigmas relacionados diretamente com esse lugar, provocando e oferecendo chaves de compreensão para sua arquitetura e para os objetos que o povoam.

Em comum, esses projetos trazem ideias ligadas à ampliação do tempo e do espaço, dando origem a canais pelos quais se deslocam mistérios que colaboram para certa densidade atmosférica. Desse modo, a bruma, que se anuncia na primeira sala da exposição, flutua e se dissemina pelos demais espaços, se adensa e ganha corpo conforme caminhamos e desvendamos cada uma das intervenções entre a profusão de artefatos, quadros, esculturas, móveis, tapetes e luminárias ali presentes.

Tadáskia apresenta um grupo de trabalhos reunidos sob o título *Abdução*. Interessada pelo percurso entre o tátil e o etéreo – que não é visível mas

intuído, e ao qual se pode dar forma —, a artista lança mão de questões subjetivas para criar sugestões e situações que ampliam o entendimento dos fenômenos terrenos. Seus trabalhos surgem da relação corpórea e social com a casa: na percepção das múltiplas temporalidades que a compõem e na discussão acerca das complexidades que envolvem a presença negra e a presença trans — seja nas representações históricas, na produção da arte ou nos fluxos dos corpos.

No vídeo homônimo (1), que tem como cenário diversos espaços dessa residência e é dividido em seis canais — um para cada cena que o compõe —, testemunha-se uma série de ações que envolvem duas personagens — performadas por Tadáskia e por Sabine Passareli. Num breve recorte de tempo, entre duas noites, elas se comunicam por telepatia e por movimentos sutis, trocando informações sobre sua condição e sobre os fenômenos que ocorrem ao redor delas. Tramam com a palha, ofertam, uma à outra, um pequeno banquete de frutas e suco preto, desenham sobre as costas nuas uma da outra e, enquanto uma desenha, vendada, a outra observa o céu com um telescópio.

O desenho, aliás, aparece de diversas maneiras. De modo mais direto e literal, mas como um enorme grafismo — uma espécie de invocação —, nascido do cuspe com suco preto derramado no piso de um pátio, e também como o espectro de um pássaro disforme que paira sobre o casarão. A galinha preta, ou ave mítica, sobrevoa o enredo como um presságio vivo, uma referência livre a Sankofa. (2) Essa anunciação alada conecta-se com o retorno ao passado como meio de alterar o presente e fabricar o futuro, aludindo portanto à ideia de que “é possível retornar para um lugar por onde já passamos para seguir adiante como queremos”, nas palavras da artista. Por fim, o desenho ainda se faz ver como coreografia e feixe de luz, quando as moças, uma de frente para a outra, coreografam uma dança carregada de simbolismo, conjecturando uma saída do lugar, uma mudança radical. Então se desmaterializam em pontos luminosos, para, no ato final, ascenderem — ou serem abduzidas.

Ao prosseguir com essa dança das formas, os eventos do vídeo se transformam num conjunto de desenhos sobre tecidos expostos em suportes singulares, como portais-estandartes que se destacam em meio

ao acúmulo visual. E também em um “arranjo”, instalação composta de esteiras de palha — entremeada por bambu, pó de rosto, frutas e arames — que encontra seu lugar no centro da Capela da casa, em meio à aura dramática carregada de inúmeras imagens e adornos da tradição cristã. Esses trabalhos se dão no fio da navalha entre leveza e firmeza. A liberdade da abstração dá sentido a composições pulsantes, repletas de movimento, associadas tanto a elementos orgânicos quanto imateriais, e imbuídas das dinâmicas de transmutação.

Ao abordar a coleção por meio de recortes de raça e de gênero, Tadáskia propõe também a modificação do salão de entrada da casa, a “Sala Império”, usualmente habitada por objetos e retratos notórios dos protagonistas brancos da história oficial do Brasil. No lugar dos vários quadros de imperadores e aristocratas, emergem duas telas de autoria desconhecida, que representam mulheres negras em visualidades distintas. A primeira é uma figura espectral, anônima, que carrega certo tom de aborrecimento ou melancolia. A segunda traz uma representação da Virgem negra, transcendental, numa imagem religiosa repleta de altivez e de esplendor.

O projeto de Rebecca Sharp instaura um jogo no interior da casa. Tributária da metafísica e do surrealismo históricos, a artista inicia por uma intervenção pontual na sala principal. Seus Poles cruzam-se sobre um espelho central, interferindo em sua qualidade arquitetônica e capacidade reflexiva. Esses cajados, adornados com a combinação de muitos tipos de materiais, simbolizam, de forma mágica, a presença e a consciência humana, primeiro, no interior do espaço pictórico e, depois, como peças tridimensionais. Ao lado, um tramado de cordas se apossa de uma cadeira no centro da sala. A trança, por fim, extrapola o objeto e serpenteia, animista, em direção a uma pequena sala encapsulada pela artista.

Nessa saleta, numa parede que parece ser abocanhada de cima pela escuridão de uma metamorfose etérea, nos aproximamos de três grupos de pinturas de pequeno formato. Na primeira série, os trabalhos aludem a objetos da coleção, à família Yunes, às origens hebraicas e gregas de seu nome, e a seu histórico de colecionismo. Comentam, desse modo, o fluxo de obras de arte pelo mundo, ventilando referências diversas, que vão das Rotas da Seda e dos movimentos intercontinentais de transposição de

1. Abdução (2022) é um trabalho colaborativo, filmado por Lorena Pazzanese e Octávio Tavares, com trilha sonora de Pitter Rocha e efeitos especiais de Thales Cardoso.

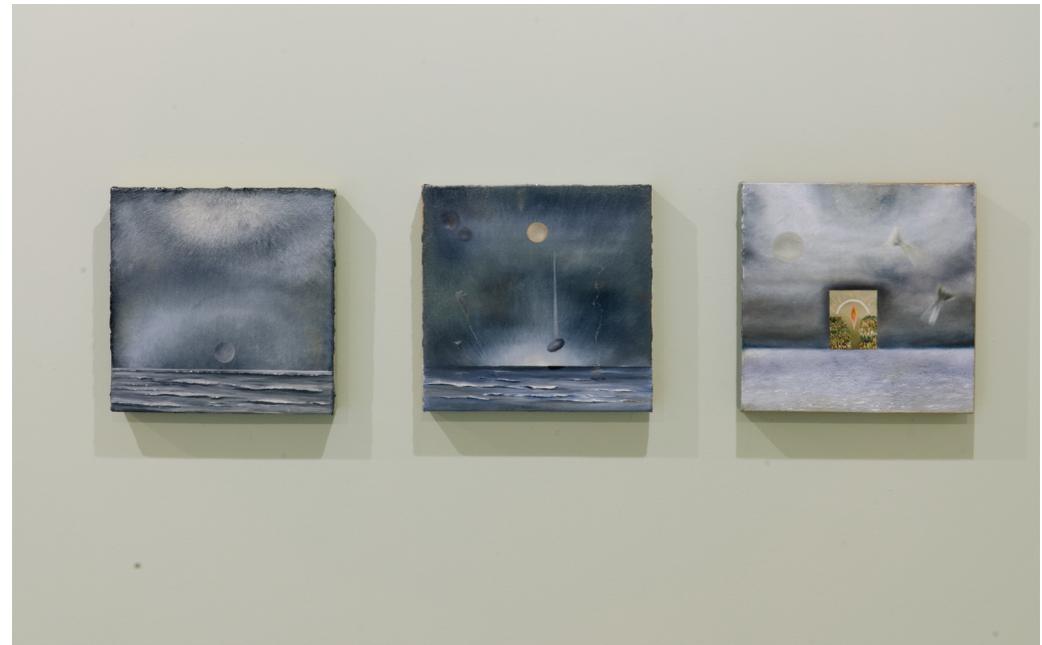
2. Sankofa é um dos Adinkras, conjunto de ideogramas utilizados para sintetizar ideias

filosóficas e provérbios, pertencente originalmente aos povos de língua Akan, da África Ocidental (notoriamente os Ashanti). Simbolizado por um pássaro mítico que voa para a frente olhando para trás, seu significado se relaciona com “voltar e buscar”.

informação, pessoas e objetos às ligações emocionais e espirituais entre diferentes lugares e planos. Figuram como mandalas que ligam a família aos fatos e a especulações históricas a respeito de objetos que viajam pelo planeta, que deixam sua fonte criadora e são levados para outros cantos, fazendo parte de outros contextos, mobilizando novas atenções, interpretações e afetos. Há que se falar, naturalmente, das profundas problemáticas, opressões e expropriações envolvidas nesses processos históricos, mas também é possível pensar no anseio da arte de se deslocar pelo globo, nas agendas próprias dessas obras, inclinadas a correr por aí, tendo as pessoas como vetores que possibilitam esse movimento.

Outro grupo de trabalhos, de tema oceânico, refere-se de modo direto às diversas peças da coleção ligadas à representação de paisagens marítimas, em especial as pinturas asiáticas. Nelas, Rebecca pinta um mar noturno e silencioso, acinzentado, com luas metálicas e frias, e outros fenômenos indizíveis, remetendo a um mar metafísico, interno, e sua correspondência com processos meditativos e estados de consciência. Há ainda uma dupla de pinturas no limite da figuração que tratam das energias, massas e afluências que compõem as paisagens. Como pano de fundo que envolve a saleta, a peça sonora *Letter to The Canyon*, produzida em 2019 pela artista, ecoa numa voz insólita. Misto de música ambiental e meditação guiada, com um tom profundo de ficção científica, o áudio simula uma mensagem recebida no futuro por um navegante solitário no espaço sideral, com considerações e instruções ligadas ao autoconhecimento e ao desenvolvimento humano.

Ambos os projetos, portanto, reúnem trabalhos que atuam como reorganizadores da energia dos ambientes. Recorrem a temas esotéricos e encaram de frente o absurdo da vida para se fazer valer no contexto de excesso de informação, de materiais e de histórias que se entrelaçam na coleção. Experimentam, assim, dar voz e corpo a certas questões ocultas, a certos mistérios deste mundo e de outros. Nesta zona onírica que é tanto morada quanto um grande “museu”, os gestos das artistas nos provocam em direção às ambivalências do tempo, ao insólito e ao extraordinário. Ao tomarem a casa como suporte para a livre imaginação, esses gestos colaboram com nossa capacidade de incidir ativamente na história, para entender seus desdobramentos no presente e, com sorte, para invocar também o que virá.



**Germano Dushá**





## AS ARTISTAS



### Rebecca Sharp

(São Paulo, 1976)

Rebecca Sharp vive e trabalha entre os Estados Unidos e o Brasil. Em seu processo poético-espiritual, combina práticas pictóricas e meditativas. Sua obra trata de uma variedade de planos astrais, mundanos e, atualmente, o encontro deles: mundos insólitos recobertos por abismos em matizes vívidos que convivem de modo vibrante. As telas funcionam como mensagens codificadas, provenientes de seu espaço anímico. Suas delicadas composições surreais surgem quase instintivamente uma vez que o tema inicial se mostra. Para Rebecca, o trabalho do artista consiste em criar e intervir em universos não visíveis. A obra em si é um mantra condensado,

visível e tátil, do que não pode ser explicado. É um diário de bordo, um documento terreno, uma chave de ignição". Ela formou-se em teatro e artes dramáticas na Goldsmiths, da Universidade de Londres. Em 2018, participou da 33ª edição da Bienal de São Paulo, Afinidades Afetivas, na sessão de curadoria de Sofia Borges. Em 2019, esteve em residência no renomado Instituto de Artes da Califórnia. Em 2021, fez a exposição individual *Tools for the Wonderland* (Mendes Woods, Bruxelas) e, em 2020, fez sua primeira exposição individual, *Trago a mensagem do destino*, na Sé, em São Paulo, com curadoria de Tiago de Abreu Pinto.



### Tadáskia

(Rio de Janeiro, 1993)

Tadáskia é uma artista negra e trans que vive e trabalha entre o Rio de Janeiro e São Paulo. É formada em Artes Visuais Licenciatura pela UERJ (2012-2016) e mestra em Educação pela UFRJ (2019-2021). Seu trabalho em desenho, fotografia, instalação e têxtil mobiliza paisagens inventadas e místicas. Através de sua prática, ela busca elaborar também as experiências imaginativas da diáspora negra, em torno de encontros familiares e estrangeiros. Realizou sua primeira exposição individual *noite dia* (Sé, São Paulo, 2022), curadoria de Clarissa Diniz. Exposições coletivas recentes: 37º Panorama

da Arte Brasileira: *Sob as cinzas, brasa* (MAM, São Paulo, 2022), curadoria de Cauê Alves, Claudinei Roberto da Silva, Cristiana Tejo e Vanessa K. Davidson; *Eros Rising: Visions of the Erotic in Latin American Art* (ISLAA, Nova York, 2022), curadoria de Bernardo Mosqueira e Mariano López Seoane; *JAIMES* (Triangle Asterides, Marselha, 2022), curadoria de Marie de Gaulejac; *The Silence of Tired Tongues* (Framer Framed, Amsterdam, 2022), curadoria de Raphael Fonseca; *Are Artworks Contemporary?* (Madragoa, Lisboa, 2022); *Setas e turmalinas* (Casa de Cultura do Parque, São Paulo, 2022), curadoria de Gisela Domenisnke; *Semana sim, Semana não: paisagens, corpos e cotidianos entre um século* (Casa Zalszupin, São Paulo, 2022) curadoria de Germano Dushá; *Uma história natural das ruínas* (Pivô, São Paulo, 2021), curadoria de Catalina Lozano; *Os monstros de Babaloo* (Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, 2021), curadoria de Victor Gorgulho; *A máquina lírica* (Galeria Luisa Strina, São Paulo, 2021), curadoria de Pollyana Quintella, 2021; *O canto do bode* (Casa da Cultura da Comporta, 2021), curadoria Galeria Luisa Strina, Sé e Fortes D'Aloia & Gabriel, *Hábito/habitante* (EAV Parque Lage, 2021), curadoria de Ulisses Carrilho; *Casa Carioca* (Museu de Arte do Rio de Janeiro, 2020-21), curadoria de Joice Berth e Marcelo Campos; *Esqueleto* (Paço Imperial, Rio de Janeiro, 2019-2020), curadoria de Analu Cunha, Marcelo Campos e Maurício Castro; *Estopim e segredo* (EAV Parque Lage, Rio de Janeiro, 2019-2020), curadoria de Gleyce Kelly Heitor, Ulisses Carrilho e Clarissa Diniz. Além de ter realizado a exposição em dupla com Leonilson no *Auroras* (São Paulo, 2020) e o *open studio* em formato expositivo *Ocellets*, durante a residência *Homesession* (Barcelona, 2022).

## O CURADOR



### Germano Dushá

(Serra dos Carajás, 1989)

Germano Dushá é curador, escritor, crítico e agente cultural. Bacharel em Direito (Fundação Getúlio Vargas - Direito SP) e pós-graduado em Arte: Crítica e Curadoria (Pontifícia Universidade Católica - São Paulo), trabalha principalmente com organizações culturais independentes e experimentações curatoriais, literárias e multimídias. É coordenador do Fora — organização pluridisciplinar focada em iniciativas culturais e estratégias institucionais, e do Genesys — seu braço voltado a projetos em formatos experimentais. Tem colaborado com instituições, galerias e publicações em diferentes países e, entre outros projetos, co-fundou o Coletor (2012-2016) — campo itinerante de ações culturais e práticas artísticas —; o Observatório (2015-2016) — espaço expositivo

autônomo no Centro de São Paulo —; o um trabalho um texto (2016-2022) — programa expositivo de arte e produção textual contemporânea —; e o BANAL BANAL (2016-2021) — plataforma online de projetos de arte contemporânea.

## OBRAS EXPOSTAS

### Tadáskia

**fora do aquário I**, 2022  
acrílica e carvão sobre tecido  
200 x 140 cm

**fora do aquário II**, 2022  
acrílica e carvão sobre tecido  
200 x 140 cm

**ring light I**, 2022  
acrílica e carvão sobre tecido  
200 x 140 cm

**ring light II**, 2022  
acrílica e carvão sobre tecido  
200 x 140 cm

**other I**, 2022  
acrílica e carvão sobre tecido  
200 x 140 cm

**other II**, 2022  
acrílica e carvão sobre tecido  
200 x 140 cm

**ave preta mística I**, 2022  
acrílica e carvão sobre tecido  
200 x 140 cm

**ave preta mística II**, 2022  
acrílica e carvão sobre tecido  
200 x 140 cm

**vestida negro I**, 2022  
acrílica e carvão sobre tecido  
200 x 140 cm

**vestida negro II**, 2022  
acrílica e carvão sobre tecido  
200 x 140 cm

**Arranjo (da família Esteiras)**, 2022  
palha, arame, bambu, pó de corpo e frutas  
sobre base, dimensões variáveis

**Abdução**, 2022  
instalação site specific composta por filme,  
desenhos, arranjo, remoção de objetos e  
substituição de retratos da Coleção Yunes,  
dimensões variáveis

**Abdução**, 2022  
com participação de Sabine Passareli,  
filmagem e edição de Lorena Pazzanese,  
assistência de filmagem e finalização de imagem  
de Octávio Tavares, trilha sonora de Pitter Rocha  
e efeitos especiais de Thales Cardoso  
vídeo, 6 canais, duração variável

### Rebecca Sharp

**Peoples > Object**, 2022  
Óleo sobre tela, 24.5 x 26 cm

**Everything Has Already Disappeared**, 2022  
Óleo sobre tela, 25 x 25 cm

**Memory Route**, 2022  
Óleo sobre tela, 25 x 25 cm

**Narrow Canyon**, 2022  
Óleo sobre tela, 16 x 16 cm

**Harmony In The Hidden Routes**, 2022  
Óleo sobre tela, 25 x 25 cm

**Coast**, 2021  
Óleo sobre tela, 15,5 x 20 cm

**Store Consciousness**, 2022  
Óleo sobre tela, 25 x 25 cm

**Listen Without Distraction**, 2022  
Óleo sobre tela, 25 x 25 cm

**Clear Light**, 2022  
Óleo sobre tela, 25 x 25 cm

**Royalty pole 'Wide land'**, 2022  
Wood, varied fabrics,  
Brazilian straw  
213.3 x 5 cm

**Royalty pole 'High pitch'**, 2022  
Wood, varied fabrics,  
Brazilian straw  
213.3 x 5 cm

**Royalty pole 'Still point'**, 2022  
Wood, varied fabrics, Brazilian straw  
109.2 x 5 cm

**Action pole 'Companion'**, 2022  
Wood, varied fabrics,  
Brazilian straw  
109.2 x 5 cm

**Letter to the Canyon**, 2019  
áudio, 5'30"

### Realização

Camila Yunes Guarita  
Equipe KURA

### Em parceria com

Sé galeria

### Produção

Tamara Ganem  
Joana Leonor  
Margherita De Natale

### Curadoria e texto

Germano Dushá

### Edição de texto

Sandra Brazil

### Fotos

Opoente Filmes  
Retrato Tadáskia Lydia Metral

### Diagramação

Ana Caligiorne

### Agradecimentos

Ivani Yunes, Beatriz Yunes Guarita,  
Sé galeria e equipe CIJY



**KURA/**

 **CIJY**  
COLEÇÃO  
IVANI E JORGE YUNES

**sé**